

A photograph of a window ledge. On the ledge, there is a white wire basket, a stack of papers, and a black and white photograph. A white pipe runs vertically down the wall from the window. A brass faucet is visible on the wall below the ledge. The wall is painted a light blue color. The text 'tre-chos revisitados' is overlaid on the right side of the image, and 'bruno nobru' is overlaid on the bottom left.

tre-
chos
revisitados

bruno
nobru

trechos revisitados

não são poemas
mas fragmentos de paisagens
possibilidades a brotar
raízes, galhos
embriões

no prelúdio dum porvir
ao encontro do autêntico tom
compondo um outro novo
se afinando consigo próprio

partindo de si
sendo teu o próprio caminho
concordando ou discordando
agindo e movimentando
escrevendo com seu nome
com nome falso ou sem nome

todos somos livres
para ir onde quiser
vamos voar!



prelúdio

o livreto “tre-chos” foi escrito entre 2006 a 2008, onde estive refletindo experiências. passado alguns anos, agora em 2014, me reencontrei com o livreto, com a possibilidade de reler e refazer

esta publicação trata-se de uma revisão atualizada do que havia escrito, com alterações tal como sucederam em mim – algumas deixei para trás, outras foram alteradas e outras sintetizadas de outro modo

a melhor companhia para a leitura é a de si mesmo, sugiro a escuta do silêncio e a leitura além das letras, com calma, aproveitando as pausas, revendo o que pensa, sente e quer enquanto lê

a leitura é um processo que acontece aos poucos, tal como a vida. os espaços em branco estão para serem apropriados, riscados, escritos, desenhados..

textos curtos
diferentes visões
descaptações rotineiras

partindo de
outros parâmetros

na possibilidade de rever
com poucos sons

não está nas palavras
animais não falam
(não precisam)

herdamos doenças psíquicas e fatalidades
de nossos pais, avós, sociedade, cultura,
escola, vizinhos, amigos, primos, ...

herdamos tampões nos olhos
e nebulosas na mente

enquanto o corpo permanece
direcionável...

a vida é afetada
o sentimento silenciado
o existir limitado

peças se alimentam de
animais, legumes, frutas
roupas, shoppings, baladas

insetos picam as pessoas
roupas, shoppings, baladas
se alimentam de pessoas

o som da cidade
o andamento do concreto
a vida falsa
a repressão ideológica
a alienação política
a domesticação
a submissão

isso tudo é tão fácil

é só trabalhar e pagar impostos
comprar besteiras pra jogar fora
e alugar um filme pra assistir
no horário eleitoral

entre eu e você
há muito mais
que eu e você

há o que nos torna
o que nos transforma
outro-eu e outro-você

seres estranhos

aquelas frases prontas
aqueles olhares
aqueles risos
aquelas maneiras de ser
e de agir em cada momento

aquelas prontas
que não me pertencem
que me tomam conta
em certas situações
das quais desgosto

ser ou não ser não é a questão
há muito mais o que viver do que comprar

fácil é gostar de quem gosta do que gosta
de quem acredita no que acredita
quero ver cagar no mato
cair de cara
sacar o jogo
vencer o risco

a noite
local onde se escondem
as criaturas solitárias

morcegos e corujas
seres anti-sociais por excelência
que durante o dia são homens sérios
empresários, lojistas, advogados
falsos hipócritas...
caminham na calada feito felinos

luzes ligadas a noite toda
as normas da cidade não param
habitam no ser todo o tempo
para que deixe sempre distanciado
o seu escuro, sincero
e autêntico
eu

de lado
calado e adormecido

– fingir: o espetáculo da vida
[o teatro do cotidiano]

a economia da imagem e ação

trocar a dor do trabalho
da poluição e do estresse
pelos prazeres
dos produtos da cidade grande

tendas de pessoas amontoadas
procurando emprego e mixando culturas
filhos do medo da repressão
adestrados ao consumo
em favor de tantos outros
e pouco à seu favor

entra ano, sai ano
o todyinho continua com o mesmo sabor
e a estação ana rosa
continua no mesmo lugar

na medida em que estabelecemos relações
criamos seres – personagens e máscaras
para cada situação e circunstância

aos poucos cada um vai gerando
vida própria aos seus personagens
jeitos de ser, meios de vida
espaços e contatos

até o momento em que
nos tornamos personagens de nós mesmos
e quando o personagem faz o que não queremos
nos tornamos espectadores de nossa própria vida

vida lavada levada
nem limpa, nem suja
nem bar, nem bilhar
ar..

leva um tempo pra sacar
que o tempo passa
e que tem muita coisa
voando por aí

a gente anda tanto
e por vezes parece
que o chão não sai do lugar

tempo.. tempo.. tempo..
no dia-a-dia as cenas se repetem
nunca falamos de nós mesmos
falamos do futebol, do papa, da novela
do bigbrother, da mina, do bar ...
de tantos tantos que me cansam

estou aqui pra falar
de mim e de você
sem cenas

acho péssimo pensar igual gente
esse ser burrocrático
que o humano se tornou

minhas roupas devem me servir
e não eu servir elas

eles acabam levando
uma vida e um trabalho
mais ou menos

no receio do medo
do arrependimento
da demissão

quer voar? cria asas!
qual o seu nível de pudor?

milhares de pessoas
trabalhando todos os dias
suando em lugares que não querem
aguentando broncas e caras feias
pagando o ócio
dos filhos do dinheiro

enquanto estes descansam
e consomem os produtos do suor
dos que trabalham onde não querem

as imagens...
é o que a maioria quer ter
uma propaganda de liberdade
pra comprar
e guardar no bolso

os que caem nessa
acham que beber e gritar
é o mesmo que ser livre

esse conceito de liberdade
é tão frágil e influenciável
quanto eles mesmos

escrevo assim

pois ando assim

escrevo no ônibus

na rua

em qualquer lugar

pois existo

em qualquer lugar

o vento sopra

o fogo alastra

o gúliwer viaja

será que eu amo ser quem sou?

queria eu um dia
ser uma xícara de café
ou um ovo
pra sacar
se amo
ser quem sou

pois
como vou saber se me amo
se nunca deixei de ser
eu mesmo?

se um dia eu for xícara
poderei sentir a diferença
entre a xícara e eu
e perceber se prefiro
ser xícara ou ser eu

enquanto
não me torno xícara
fico na dúvida

o café já está com gosto de cigarro
e o cigarro não esta nada mais
me faz ter vontade de ir ao banheiro

sigo o momento
pressionando botões
com as pontas dos dedos
e fumando a mim mesmo

a ditadura não acabou
mas usa camuflagens
suas armas apontam pra mente
nos metralham de ideias
de certo e errado
fazendo de tudo
pra que a gente não pense
o contrário

vivemos a falácia de liberdade
achando que somos livres pra dizer
e fazer o que queremos
mas vivemos fazendo o que não queremos

tem um monte de gente se fodendo
e outros que não fazem a mínima ideia disso
poucos tiram proveito da ignorância da maioria

a todo momento são criados
escravos pacatos e obedientes
guiados para consumir
e serem consumidos

com poucas palavras
as sílabas silabam

com muitas
elas silabam

a gente pensa que sabe como a gente é
acha que se conhece
e que sabe como vai agir
em cada situação

mas se esquece que a vida é muda
e que a gente muda

depois percebe
que não adianta muito saber
porque cada situação é uma
e cada momento leva
a um outro movimento

acorda pra cuspir o teu catarro

não o do outro
nem teu catarro antigo

encha-te de catarro novo
inspira-te ao máximo que puder
e cuspa
com toda força e vontade!

cada um vive a sua paisagem

não somos iguais

a relação libertária altera o entorno
e o entorno é uma extensão
de cada indivíduo

você é o autor de sua vida e da história
enquanto você deixa sua vida de lado
ela te deixa de lado também

crie novos espaços
vá a outros lugares
estabeleça novas relações

jogue no lixo aquele medo velho
seja autônomo e independente
faça o que quer por conta própria
não espere que os outros façam por você

concorde ou discorde
todos somos livres
pra ir onde quiser
vamos voar!

não temos pessoas
como temos uma mesa
uma bicicleta
um quadro
ou um litro de leite

as coisas ficam
à nossa espera
para usarmos

as pessoas
se usam
a elas mesmas

pois são objetos
delas mesmas
e não de outras

o que passou

passou

e o que ficou

é o que estou me ligando

agora

quanto mais

experiências diferentes

mais

possibilidades

caminhos novos e diferentes

outros

quanto mais sigo

mais livre vou

para escolher

comigo

o que quero que permaneça

e o que quero mudar

há várias possibilidades

– a vida

cada uma com seus valores

seus a-favores

seus contras

seus preferidos seus distraídos

suas noções de liberdade

e de aprisionamento

suas queixas

e seus sabores

hare krishnas, noveleiros

evangélicos, maconheiros

zen-budistas, anarquistas

existencialistas, direitistas

cada uns com seus argumentos

e caminhos a serem percorridos

cada cabeça carrega

tua própria sentença

quero falar com gente real
gente que faz o que sente
que não fica julgando
e limitando o que sente

gente que não se esconde
que se mostra ser o que é
e se for diferente
se mostra diferente

gente que decide pelo que quer
que saca que o sentimento muda
e que não vive por obrigação

gente que crê na possibilidade
de uma outra vida..

sabe que é possível
ser o que é
e não tem medo de ser

mantendo relações livres
sem sentimentos de dever ou culpa

me poupar
tem me tornado cotidiano

cada vez mais
me gastar menos
com qualquer coisa

cada vez mais menos esforço
menos palavras
menos saliva

ao mesmo tempo
que cada vez mais
comigo mesmo

matar pernilongos
este sim têm sido meu ofício

as palavras saem do papel
vão sair do papel
e voar...

meu passado é minha
culpa o presente minha
condição

a aposta é um risco
e a vida..
a gente vai vivendo
pra sacar qual é a dela

estou sendo o que faço
tanto o que faço e escolho
quanto o que faço e não escolho

o que faço vai de acordo
com o que quero para mim
não desculpo minha sinceridade
é o que mais me representa

sou esse
e não estou pra te agradar
nem também
para desagradar
mas simplesmente
ser

amanhã bem cedo
meu pensamento vai plantar bananeiras no ar

quero um chocolate quente
passando em meu pescoço
e ter tempo para a pesca..
fisgar pessoas que passam pela rua

corações brilhantes pulsam no ar
muita cor azul, verde e lilás

tempo para a cor
para o som
silêncio
e retornar

passaros guardam
queijo mineiro em suas geladeiras

quando escrevo me mostro
tinto riscos no papel
com partes de mim

minha escrita está –entre– as coisas
entre eu e minhas vivências
entra em mim e sai em fragmentos

algumas células ficam
e outras continuam
cuidando da mitose e da meiose

a caneta transmite e conserva
os passeios pelos fios

..e as palavras
coitadas delas
que nem sabem
o que dizem

se eu for me descrever
em palavras
me classificarei em coisas que não sou
pois não nasci sendo palavras
nem palavras me tornei

sou e estou sendo
algo que não há como descrever
senão por si mesmo

este que em nada se classifica
pois se classificar
deixo de ser este
e me torno outro

as coisas continuam sempre as mesmas
enquanto as encaramos com os mesmos olhos

interprete-os como quiser
isso é problema seu
e não meu
mas
fique claro
que não sou só o que escrevo

lance isto e cuspa!

descrição

trechos revisitados
escritos de 2006 a 2008,
entre são paulo e minas gerais
revisados em 2014, montevidéo

é livre a reprodução parcial ou integral
desde que citado o nome do autor
e utilizado para fins não comerciais
que o acesso à cultura seja para todos
livre de ganâncias e luxos particulares

arte é risco

contato

www.brunonobru.net
trocarletras@gmail.com

bruno nobru



fui brotado na caótica são paulo capital, no começo dos 80. certo dia encontrei um violão velho e comecei a fazer uns sons pra cuspir as coisas que surgiam e que ainda não sacava bem o que eram. experimentei diferentes sons, afinações e ruídos, caminhando para a improvisação. depois fui ler filosofia, estudei outros temas e me tornei psicólogo da autonomia, o que sou e também não sou. fui pro mato e voltei escrevendo o que surge, numa fila qualquer, no meio da noite, dentro do ônibus e fora também. gosto da cidade e da natureza, mas não sou só o que escrevô, de vez em quando vou à feira, outras não, algumas vezes de bicicleta outras a pé, tomo café mas tem vezes que não e tudo vai fluindo com ou sem i ching..